

Lições sobre a sintaxe histórica do infinitivo português:
infinitivo subjetivo, adnominal, preposicional, substantivado
*Studies in the historical syntax of the Portuguese infinitive: subjective,
adnominal, prepositional, substantival infinitive*

Marcos Martinho*
Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil

Resumo: Exponho a sintaxe histórica do infinitivo subjetivo, adnominal, preposicional e substantivado do português, partindo da sintaxe histórica do infinitivo latino. O infinitivo subjetivo decorreu de uma interpretação mais lógica que gramatical do infinitivo objetivo em latim. O infinitivo adnominal desenvolveu-se parcialmente em latim graças a um processo analógico, e só se desenvolveu plenamente em português graças ao progresso do infinitivo preposicional. Este, excepcional em latim, desenvolveu-se amplamente em português. A substantivação do infinitivo permitiu que este fosse acompanhado de adjetivo em latim e português, podendo inclusive receber a desinência nominal ‘-[e]s’ em português para flexionar-se no plural como um substantivo qualquer. Trato, em particular, do modo como essas espécies de infinitivo foram empregadas no latim e no português escrito.

Palavras-chave: Sintaxe histórica do infinitivo português. Infinitivo subjetivo. Infinitivo adnominal. Infinitivo preposicional. Infinitivo substantivado.

Abstract: I present the historical syntax of the subjective, adnominal, prepositional, and substantival infinitive in Portuguese, starting from the historical syntax of the Latin infinitive. The subjective infinitive came from a more logical than grammatical interpretation of the objective infinitive in Latin. The adnominal infinitive was partially developed in Latin thanks to an analogical process, and was only fully developed in Portuguese thanks to the progress of the prepositional infinitive. The latter, exceptional in Latin, was largely developed in Portuguese. The substantivation of the infinitive allowed it to be modified by an adjective in both Latin and Portuguese, and even to be inflected in Portuguese in the plural with the inflectional ending ‘-[e]s’, like any noun. I deal in particular with the way these infinitive species were employed in written Latin and Portuguese.

Keywords: Historical syntax of the infinitive in Portuguese. Subjective infinitive. Adnominal infinitive. Prepositional infinitive. Substantival infinitive.

1 INTRODUÇÃO

Noutro artigo (Martinho, 2012), expus a sintaxe histórica do infinitivo final e do infinitivo objetivo do português, partindo da sintaxe histórica do infinitivo latino. Procurei mostrar que este era originalmente forma nominal pura, isto é, ablativo ou

* Professor Associado do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil; marcos.martinho@usp.br

dativo de nome de ação, sendo então empregado como adjunto adverbial de finalidade, e que foi tratado posteriormente como nome neutro indeclinável, passando daí a construir-se como objeto direto. Neste artigo, proponho-me tratar quatro espécies de infinitivo: infinitivo subjetivo, adnominal, preposicional e substantivado.

Juntamente com o infinitivo final e o objetivo, o infinitivo subjetivo compõe o conjunto das construções adverbiais do infinitivo em latim e, daí, em português, tendo decorrido de uma interpretação mais lógica que gramatical do infinitivo objetivo em latim. O infinitivo adnominal desenvolveu-se parcialmente em latim graças a um processo analógico, e só se desenvolveu plenamente em português graças ao progresso do infinitivo preposicional. Este, excepcional em latim, desenvolveu-se amplamente em português. A substantivação do infinitivo permitiu que este fosse acompanhado de adjetivo em latim e português, podendo inclusive receber a desinência nominal ‘-[e]s’ em português para flexionar-se no plural como um substantivo qualquer.

Na exposição dessas espécies de infinitivo, sigo os princípios da gramática estrutural, para procurar explicar os processos formais que permitiram ao infinitivo construir-se tanto adverbialmente como adnominalmente, e também os princípios da gramática histórica, para procurar explicar como o uso subjetivo, o adnominal, o preposicional e o substantivado evoluíram ao longo da história do latim e, daí, do português. Trato, em particular, do modo como essas espécies de infinitivo foram empregadas no latim e no português escrito. Assim, ilustro a exposição com exemplos de autores da língua latina e portuguesa; destes, arrolo em particular exemplos extraídos da *Demanda do Santo Graal* e d’*Os Lusíadas* de Camões¹.

FLP22(1)

2 INFINITIVO SUBJETIVO

A par de alguns verbos pessoais (isto é, verbos volitivos, acurativos, de possibilidade, de necessidade; cf. Martinho, 2012, p. 197-8), constrói-se ainda um conjunto de verbos e locuções verbais impessoais com o infinitivo acusativo (isto é, objeto direto). Esses, porém, estudam-se à parte, porque, devido a uma análise mais lógica que gramatical, o infinitivo ligado a tais verbos e locuções verbais foi interpretado, já no período clássico da língua latina, não como acusativo, mas como nominativo (isto é, sujeito) (Riemann, 1942, p. 336, n. 5; Ernout; Thomas, 1953, p. 257).

Trata-se, antes de tudo, de verbos e locuções verbais impessoais que se podem relacionar com aqueles verbos pessoais semanticamente, por exemplo, do verbo *licet* e da locução verbal *necesse est*, que se podem relacionar respectivamente com verbo de possibilidade (*possum*) e de necessidade (*debeo*). No entanto, ao passo que ao lado destes o infinitivo foi interpretado como acusativo:

¹ Os exemplos de autores da língua latina e portuguesa foram extraídos de gramáticas latinas e portuguesas que são citadas ao lado dos exemplos; já os exemplos da *Demanda do Santo Graal* e d’*Os Lusíadas* de Camões são nossos. Assim, aqueles são transcritos e referidos de acordo com as gramáticas de que foram extraídos, e os outros, conforme as edições de 1988 da *Demanda*, e de 1982 d’*Os Lusíadas* (cf. infra *Referências*).

- (1)
- (a) *Numne [...] ferre contra patriam arma illi [...] debuerunt?* (Cic. *Lae.* 36) ‘Não é verdade que não [...] deviam [...] estes ter apontado as armas contra a pátria?’;
- (b) *sine qua administrari civitas non potest* (Cic. *Off.* I 88) ‘sem a qual não se pode administrar o Estado’;

ao lado daqueles verbos e locuções verbais impessoais, todavia, foi interpretado como nominativo: *Necesse est igitur legem haberi in rebus optimis* (Cic. *Leg.* II 12) ‘É necessário, portanto, considerar-se a lei entre as melhores coisas’; *Intellegi iam licet* (Cic. *Rsp.* I 60) ‘já é lícito entender-se’.

Ao mesmo tempo, porém, outros verbos e locuções verbais impessoais que não se construíam com acusativo, mas com outros casos oblíquos, admitiram o infinitivo, que daí foi interpretado como nominativo por analogia com o infinitivo ligado àqueles verbos e locuções verbais impessoais de valor volitivo, acurativo, de possibilidade, de necessidade. Por exemplo, o verbo impessoal *piget* (equivalente ao verbo de afeto *doleo*) e a locução verbal impessoal *in mentem uenit* (equivalente ao verbo sensitivo *memini*), ainda que não se construísem com acusativo, mas com genitivo:

- (2)
- (a) *ut me non solum pigeat stultitiae meae sed etiam pudeat* (Cic. *Dom.* 29) ‘para que eu não só me aborreça, mas também me envergonhe da minha estupidez’;
- (b) *Venit mihi in mentem M. Catonis* (Cic. *I Verr.* V 180) ‘Vem-me à mente a imagem de M. Catão’;

aceitaram o infinitivo na posição de genitivo: *neque hoc mihi nunc primum in mentem venit dicere* (Cic. *Amer.* 122) ‘e não me vem à mente dizer isso agora pela primeira vez’; *Fateri pigebat* (Liv. VIII 2, 12) ‘aborrecia confessar’, sendo o infinitivo interpretado, todavia, como nominativo (Riemann, 1942, p. 336, n. 5). Da mesma forma, a locução verbal impessoal *opus est* (equivalente ao verbo de necessidade *debeo*), embora se construisse com ablativo, e não com acusativo: *nihil erat cur properato opus esset* (Cic. *Mil.* 49) ‘não havia por que haver precisão de pressa’, aceitou o infinitivo na posição de ablativo: *dixit [...] id sciri non opus esse* (Cic. *Off.* III 49) ‘disse [...] não ser preciso sabê-lo’, e tal infinitivo foi interpretado, no entanto, como nominativo.

Em suma, no latim clássico, devido a uma análise antes lógica que gramatical e, ademais, a um raciocínio analógico, o infinitivo foi interpretado como nominativo ao lado dos seguintes verbos e locuções verbais impessoais (Riemann, 1942, p. 337-9; Ernout; Thomas, 1953, p. 257, 321)²:

- (3)
- (a) de valor **volitivo** (*certum est, deliberatum est, consilium est, in mentem uenit*, equivalentes ao verbo volitivo *statuo*; *uerecundia est, religio est*, equivalentes ao verbo volitivo *uereor*): *tertiam ex his nominare sub tecto religio est* (Plin. HN XVIII 2, 8) ‘a terceira dentre essas [deusas] é impiedade nomear debaixo de um teto’;

² Como se vê dos exemplos, a maior parte das locuções verbais impessoais que se constroem com infinitivo nominativo são compostas de *est* ‘é’ e um segundo termo que pode ser substantivo (*mos est* ‘é costume’), adjetivo (*certum est* ‘é certo’), advérbio (*necesse est* ‘é necessário’).

- (b) de valor **acurativo** (*mos est*, equivalente ao verbo acurativo *soleo*): *mos est Athenis laudari in contione eos* (Cic. *Or.* 151) ‘é costume em Atenas louvar-se em assembleia aqueles’;
- (c) de valor de **possibilidade** (*licet, fas est, ius est*, equivalentes ao verbo de possibilidade *possum*): *hac igitur fortuna frui licet senibus* (Cic. *CM* 60) ‘portanto, é lícito aos velhos usufruir dessa sorte’;
- (d) de valor de **necessidade** (*oportet, decet, necesset est, opus est, tempus est*, equivalentes ao verbo de necessidade *debeo*): *hoc fieri et oportet et opus est* (Cic. *Att.* XIII 24, 2) ‘não só importa, como é preciso, fazer-se isso’;
- (e) de valor **sensitivo** (*apparet, liquet, constat, manifestum est, uerum est*, equivalentes ao verbo sensitivo *uideo*): *Constat profecto ad salutem civium [...] inuentas esse leges* (Cic. *Leg.* II 11) ‘Consta, de fato, as leis terem sido descobertas [...] para a salvaguarda dos cidadãos’;
- (f) de valor de **afeto** (*placet, libet, inuat, delectat*, equivalentes ao verbo de afeto *gaudeo*; *paenitet, piget, pudet, taedet, miserat, turpe est*, equivalentes ao verbo de afeto *doleo*): *de C. Gracchi autem tribunatu quid expectem, non lubet augurari* (Cic. *Lae.* 41) ‘o que espero, porém, do tribunado de C. Graco não é agradável pressagiar’.

No português arcaico, o infinitivo ocupa a posição de sujeito ao lado dos verbos (*acomtecer, aproveitar, convir, conprir, custar*) e locuções verbais (*he bom, he bem, he cousa maravilhosa, he cousa convinhavi*) impessoais correspondentes aos verbos e locuções verbais impessoais do latim (Dias, 1954, p. 218-9):

- (4)
- (a) Acomteceo hum novico partirse da ordem de noite (*Cousas notaveis e milagres de Santo Antonio de Lisboa*, 16);
- (b) He cousa maravilhosa hũa dona tam bella como a verdade parir hũ filho tã feo como o odio (H. Pinto, *Diálogos*, I 111);
- (c) Vir mais tardia a noite, a aurora vir mais cedo, que me aproveita? (A. Feliciano de Castilho, *A chave do enigma*, 102).

FLP22(1)

Uma diferença notável, porém, apresentam as construções de infinitivo subjetivo em português, pois, diferentemente das correspondentes latinas, podem trazer o infinitivo precedido de preposição, a qual pode ser “a” ou “de” (Dias, 1954, p. 219; Said Ali, 1966, p. 340-1):

- (5)
- (a) A elles convinha de saber (D. João I, *Livro da montaria*, 47);
- (b) Nõ era cousa convinhavi de tu morreres agora (*Lenda de Barlaão e Josafate*, 45);
- (c) Seria bom de hirem a Mancor (G. Eanes de Zurara, *Crônica do Conde D. Pedro de Meneses*, 408);
- (d) Nom era bem de o assi cercarem (D. João I, *Livro da montaria*, 192).

Mas nem por isso deixa o infinitivo de ser sujeito, visto ser expletiva a preposição (cf. *infra* 4 *Infinitivo preposicional*).

É o que se vê, em particular, da *Demanda do Santo Graal*, em que o infinitivo subjetivo pode ser tanto simples como preposicional ao lado de verbos e locuções verbais impessoais. Por exemplo, ao lado do verbo *convir*, é ora simples: “ca lhe

conveniria [...] entrar aas venturas do regno de Logres” (*Dem.* p. 2, l. 10-1), ora preposicional: “ca me convinha a fazer” (*Dem.* p. 12, l. 31-2); assim também, ao lado do verbo *valer*, ora simples: “nem val trazer coroa” (*Dem.* p. 76, l. 25), ora preposicional: “mais me val de perder el ca me vir tanto mal por elle” (*Dem.* p. 19, l. 16-7). Ao lado de locução verbal impessoal, na verdade, o infinitivo subjetivo é preferencialmente preposicional; por exemplo, ao lado de *seer* + substantivo:

(6)

- (a) sobejo seria gram da(p)no e gram mala ventura de nom seerdes bõ cavalleiro (*Dem.* p. 2, l. 33-4);
- (b) demais vio que bem seria folia de atender golpe de homem que assi faria (*Dem.* p. 47, l. 35-6);
- (c) Nom vos é prol [...] de me tal rogo rogardes (*Dem.* p. 30, l. 2-3; cf. p. 54, l. 31-2);

e ao lado de *seer* + adjetivo:

- (7) E melhor è de ficar cada ùu (*Dem.* p. 19, l. 17).

O português moderno emprega o infinitivo subjetivo tal como o arcaico, ou seja, ligando-o a verbos e locuções verbais impessoais (Bechara, 1992, p. 236): “Agora mesmo, custava-me responder alguma coisa” (J. M. Machado de Assis, *Brás Cubas*, 208). Demais, ainda que o faça com certa parcimônia, não é de todo raro o português moderno, à maneira do arcaico, trazer o infinitivo subjetivo precedido de preposição (Bechara, 1992, p. 156): “Desaire real seria de a deixar sem prêmio” (A. Garrett, *Camões*, 122); “Mas não era assaz difícil de reconhecer um caráter coberto de feridas” (A. Herculano, *Fragments*, 72); “Custou-lhe muito a aceitar a casa” (J. M. Machado de Assis, *Brás Cubas*, 194).

FLP22(1)

3 INFINITIVO ADNOMINAL

Ao valor original da desinência casual do infinitivo latino deveu-se a possibilidade de este funcionar como adjunto adverbial de finalidade (Martinho, 2012, p. 189-91); já à fossilização daquela desinência deveu-se a possibilidade de ser empregado como objeto direto (id., ib., p. 196-7) e, daí, sujeito (cf. supra 2 *Infinitivo subjetivo*). Em ambos os casos, porém, o infinitivo latino liga-se a verbo, não a nome. No entanto, embora a construção adverbial seja coerente com a origem da forma infinitiva, o infinitivo latino, graças a raciocínios analógicos e construções arrojadas, foi capaz, todavia, de se ligar a nome. Note-se, contudo, que a construção adnominal do infinitivo, embora ocorresse no nível popular do latim no período clássico, foi evitada no nível culto no mesmo período, sendo acolhida na linguagem culta no período subsequente (Bassols de Climent, 1987, v. I, p. 358).

De fato, foi por não poder introduzir-se o infinitivo por meio de preposição que o latim clássico o empregou apenas com o valor de nominativo ou acusativo (isto é, de sujeito ou objeto direto), os dois casos latinos a que não correspondia nenhum torneio preposicional (Bassols de Climent, 1987, v. I, p. 358)³. Para

³ De fato, em determinadas construções, os demais casos latinos podiam concorrer com torneios preposicionais. Assim, o dativo podia concorrer com acusativo introduzido por preposição *ad* ou *in*; por exemplo, nesta frase: *it clamor caelo* (Verg. *Aen.* V 451) ‘chega o clamor ao céu’, o dativo (*caelo* ‘ao

expressar os valores de ablativo, dativo, genitivo ou mesmo acusativo de direção, o latim clássico lançou mão de outras formas nominais do verbo, a saber: do gerúndio e do supino (Ernout; Thomas, 1953, p. 255, 269). Mais precisamente, em função adnominal, o latim culto empregou duas formas nominais do verbo, assim: ao lado de adjetivos verbais, tais como *paratus*, *doctus*, o gerúndio preposicional (*paratus ad pugnandum*); ao lado de adjetivos nominais, tais como *utilis*, *bonus*, o supino em *-u* (*facilis lectu*) (Meillet; Vendryes, 1979, p. 358). Já a linguagem coloquial não distinguia perfeitamente entre um uso e o outro. Autores tais como Terêncio imitam a confusão entre o uso do infinitivo e o do gerúndio, a qual era comum na linguagem coloquial (Ernout; Thomas, 1953, p. 269): *summa eludendi occasio mihi nunc senes / et Phaedriae curam adimere argentariam* (Ter. *Phorm.* 885-6) ‘É para mim a ocasião suprema de iludir os velhos e para tirar Fedra da preocupação com dinheiro’. Assim, na verdade, a linguagem coloquial franqueou ao infinitivo caminhos que, ao longo da história do latim, o levaram a desbancar o uso daquelas outras formas nominais do verbo.

A construção adnominal do infinitivo latino surgiu e desenvolveu-se graças a um processo analógico. A princípio, na medida em que o infinitivo se empregava como objeto direto de verbos volitivos, acurativos, de possibilidade, de necessidade, pôde construir-se, por analogia, com adjetivos verbais derivados de tais verbos, isto é, com participios destes. Assim, foi por construir-se o verbo acurativo *paro* com o infinitivo objetivo: *Veneti reliquaeque item civitates [...] bellum parare* (Caes. *G.* III 9, 3) ‘Os Vênets e os restantes Estados, igualmente, [...] a preparar a guerra’, que o participio *paratus* admitiu, por extensão, a mesma construção: *omnia perpeti parati* (Caes. *C.* III 9, 5) ‘preparados para tudo suportar até o fim’. Assim também, o processo analógico ensejou a construção do infinitivo com participios derivados de outros verbos acurativos (*assuetus*), senão de verbos volitivos (*cupidus*, *avidus*), causativos (*doctus*), etc. Na verdade, tal construção deve-se considerar, em rigor, adverbial, uma vez que o infinitivo, quer preso a forma verbal finita, quer ligado a forma nominal do verbo, isto é, a participio, se constrói aqui e ali com forma verbal, razão pela qual tal construção foi normalmente empregada pela linguagem culta do latim clássico (Riemann, 1942, p. 501). A linguagem coloquial, porém, expandiu o processo analógico de dois modos.

Primeiramente, estendeu-se a construção do infinitivo a participios derivados de verbos que não se construíam com infinitivo. A condição para isso foi o participio ser derivado de verbo que, todavia, tivesse relação semântica com verbos que, por sua vez, admitiam o infinitivo. Assim, embora o verbo *perior* não se constrísse com infinitivo, o participio *peritus*, derivado dele, construiu-se com infinitivo por analogia com o verbo de possibilidade *possum*, com que tem relação semântica (cf. Verg. *B.* X 32: *soli cantare periti* ‘os únicos experimentados em cantar’). O mesmo deu-se com outros participios, por exemplo, com *certus* (que se pode relacionar semanticamente

céu’) concorre com *ad* + acusativo (*ad caelum* ‘até o céu’); nesta outra: *riuo [...] [...] / [...] iace* (Verg. *B.* VIII 102-3) ‘lança ao rio’, o dativo (*riuo* ‘ao rio’) concorre com *in* + acusativo (*in riuum* ‘no rio’) (Ernout; Thomas, 1953, p. 69-70). Assim também, o genitivo podia ser substituído por ablativo introduzido por preposição *de* ou *ex* na expressão *unus de/e multis* ‘um dentre muitos’, empregada em lugar da expressão *unus multorum* ‘um de muitos’; por exemplo, neste passo: *qui non fuit orator unus e multis* (Cic. *Br.* 274) ‘que não foi um orador dentre muitos’, e *multis* ‘dentre muitos’ vale por *multorum* ‘de muitos’; neste outro: *Hic mihi de multis unus, Lucane, videtur* (Mart. VIII 75, 15) ‘Esse, Lucano, parece-me um dentre muitos’, *de multis* ‘dentre muitos’ vale igualmente por *multorum* ‘de muitos’ (Ernout; Thomas, 1953, p. 46-7).

com o verbo volitivo *statuo*), *contentus* (que da mesma forma se pode relacionar com o verbo de afeto *gaudeo*), etc.

Posteriormente, o processo analógico alargou-se ainda mais, indo além dos participípios, formas nominais do verbo, e alcançando formas nominais puras, isto é, os adjetivos. Então, o infinitivo passou a ligar-se a adjetivo que tivesse alguma relação, seja morfológica seja semântica, com verbo que, por sua vez, se construísse com infinitivo. Assim, tanto o adjetivo *cupidus* (cf. Prop. I 19, 9: [...] *cupidus falsis attingere gaudia palmis* ‘[...] desejoso de alcançar regozijos com enganosas mãos’), que tem relação formal com o verbo volitivo *cupio*, como o adjetivo *idoneus* (cf. Hor. *Ep.* I 16, 12: *fons etiam rivo dare nomen idoneus* ‘fonte, ademais, apta a dar nome a riacho’), que tem relação semântica com o verbo de possibilidade *possum*, passaram a construir-se com o infinitivo. O mesmo deu-se com adjetivos vários, que se podem distribuir, conforme o sentido, entre dois grupos:

(8)

- (a) adjetivos que denotam **habilidade** ou **capacidade** (*idoneus, nescius*) e, daí, se relacionam com verbos de possibilidade; que denotam **desejo** ou **decisão** (*avidus, cupidus, certus, audax, timidus*) e, daí, se relacionam com verbos volitivos; que denotam **contentamento** (*felix*) e, daí, se relacionam com verbos de afeto (Riemann, 1942, p. 501-2): [...] *nec gravem / Pelidae stomachum cedere nescii* (Hor. *O.* I 6, 5-6) ‘[...] nem a grave / cólera do Peleides, ignorante em ceder’; [...] *avidus cognoscere amantem* (Ou. *M.* X 472) ‘ávido por conhecer a amante’; *septima post decimam felix et ponere uitem / et prensos dominare boues* [...] (Verg. *G.* I 284-5) ‘o sétimo [dia] depois do décimo [é] bom tanto para fincar a vide / como para domesticar os bois após prendê-los’;
- (b) adjetivos que significam **facilidade** (*facilis, difficilis*), **utilidade** (*utilis*), **aptidão** (*bonus, celer, arduus, durus, indocilis, piger, dignus*) (Riemann, 1942, p. 503), os quais não se construía, em princípio, com nenhum complemento nominal (Bassols de Climent, 1987, v. I, p. 358): *uitabis [...] celerem sequi / Aiacem* [...] (Hor. *O.* I 15, 18-9) ‘[evitarás] [...] Ajaz, / rápido em perseguir [...]’; [...] *durus componere versus* (Hor. *Sat.* I 4, 8) ‘[...] duro para compor versos’; *stultus et improbus hic amor est dignusque notari* (Hor. *Sat.* I 3, 24) ‘estúpido e ímprobo é esse amor, e digno de ser apontado’; *integramque et incorruptam epistulam et facilem legi praestabant* (Gell. XVII 9, 14) ‘e [as cartas] faziam prova de uma remessa íntegra, incorrupta, fácil de ler’.

Por esta altura, afastavam-se do latim culto do período clássico tanto o latim popular do mesmo período, como o culto do subsequente (Riemann, 1942, p. 501).

Note-se, porém, que, embora estendendo o processo analógico dos adjetivos verbais (isto é, dos participípios) aos nominais (isto é, aos adjetivos propriamente ditos), e embora ousando construções arrojadas, em que o infinitivo se ligava a adjetivo que em princípio não se construía com complemento nominal, nem o latim popular do período clássico nem o latim culto do período imperial podiam prender o infinitivo a substantivo. Tal torneio só foi possível na baixa latinidade (Bassols de Climent, 1987, v. I, p. 359; Väänänen, 1975, p. 222), quando o infinitivo passou a ligar-se a substantivo relacionado, formal ou semanticamente, com verbo que se construía com o infinitivo objetivo, por exemplo, ao substantivo *ira* (relacionado semanticamente com o verbo de afeto *doleo*), *potestas* (relacionado formalmente com o verbo de possibilidade *possum*), etc. (Maurer, 1959, p. 185):

- (9)
- (a) *dat potestatem infirmos curare, leprosos mundare, daemones ejicere* (Hier. Matt. I 10, 7) ‘dá o poder de curar os enfermos, purificar os leprosos, expulsar os demônios’;
- (b) *sed tamen saluberrimam consuetudinem tenebat Ecclesiam [...] corrigere quod pravum est, non iterare quod datum est* (Aug. Bapt. II 7, 12) ‘mas, contudo, a Igreja mantinha o costume muito salutar [...] de endireitar o que está torto, de não reiterar o que foi dado’.

Mas foi graças a uma inovação formal que o uso adnominal do infinitivo foi facilitado e, daí, impulsionado, isto é, graças à criação do infinitivo preposicional (cf. infra 4 *Infinitivo preposicional*). De fato, foi a ausência desse infinitivo que dificultou, senão inviabilizou, o uso adnominal do infinitivo ao longo da história da língua latina (Bassols de Climent, 1987, v. I, p. 354, n. 27). Tal criação fora apenas esboçada no latim baixo e talvez se tenha desenvolvido no português proto-histórico, visto que, no português arcaico, o infinitivo adnominal já está consagrado como infinitivo preposicional (Maurer, 1959, p. 185-6).

Com isso, não apenas se facilitou o emprego do infinitivo adnominal, mas também se permitiu que este suplantasse definitivamente o uso adnominal do gerúndio e do supino (Grandgent, 1907, p. 48-9). Assim, no português arcaico, o par de *de* + infinitivo faz as vezes do genitivo do gerúndio; o de *a/para* + infinitivo ocupa o lugar do acusativo preposicional ou dativo do gerúndio; e ambos os pares têm o valor do supino em *-u* (Said Ali, 1966, p. 341).

Assim, no português arcaico, o infinitivo adnominal liga-se a adjetivos tais como *facil, difficil, bom, mau, duro, aspero, raro, longo, gostoso* (Dias, 1954, p. 228-9): “Leve lhe foi isto de creer” (B. Ribeiro, *Menina e moça*, 9); “Façanhas asperas de cometer” (H. Pinto, *Diálogos*, I 140); e a substantivos vários, exprimindo, então, as noções de finalidade (“casa de jantar”), consecução (“frutos de enlevar os olhos”), possibilidade (“ação muito de louvar”) (Dias, 1954, p. 228).

Na *Demanda do Santo Graal*, em particular, o infinitivo adnominal é um infinitivo preposicional ligado quer a adjetivo quer a substantivo. O infinitivo liga-se a adjetivos que têm relação com verbos que normalmente se constroem com infinitivo (cf. *poderoso* e *poder, desesperado* e *esperar*): “asi como [...] foi poderoso de me erguer [...] bem assim é poderoso de me dirribar” (*Dem.* p. 457, l. 21-3); “ca de veer alegria som desesperado” (*Dem.* p. 54, l. 23-4); ou a adjetivos tais como *facil, difficil*:

- (10)
- (a) que [sc. canpaa] nom era mui ligeira de erguer (*Dem.* p. 40, l. 7-8);
- (b) que [sc. semedeiro] era mui pedregoso e mau de sobir (*Dem.* p. 103, l. 17);
- (c) Que tam maos lhe eram de tornar a si (*Dem.* p. 40, l. 21-2);
- (d) vos nom sodes sesudo nem cortês desto dizerdes (*Dem.* p. 300, l. 25-6).

Muito mais numerosas, porém, são as ocorrências de infinitivo adnominal ligado a substantivo. Assim, liga-se a substantivos que têm relação formal ou semântica com verbos que normalmente se constroem com infinitivo, a saber:

- (11)
- (a) com verbos **acurativos** (cf. *custume* e *custumar*): e deceo como aquel que avia custume de fallar com os homêes bôos em preito de sua alma (*Dem.* p. 126, l. 19-20);
 - (b) com verbos **volitivos** (cf. *vontade* e *querer*, *amor* e *desejar*, *esperança* e *esperar*, *coraçom* e *ousar*, *medo*, *pavor* e *temer*): que [sc. cousa] me da maior esperança de seer bõo e bõo cavalleiro (*Dem.* p. 2, l. 29-30); E doutra parte avia medo de descobrir a demanda do Santo Graal (*Dem.* p. 42, l. 4-5); E os cavalleiros nom lhe fallarom com medo de lhe pesar (*Dem.* p. 80, l. 13-4); ca hei pavor de seer chagado aa morte (*Dem.* p. 91, l. 24); mas pavor hei de vos vir algũo pesar (*Dem.* p. 109, l. 7-8); foi-se depos o cervo [...] por amor de o acalçar (*Dem.* p. 57, l. 21-2); me dá maior vontade de o conhecer ca al (*Dem.* p. 137, l. 26-7); como homem que avia diaboos que lhe davam coraçom de matar seu irmão (*Dem.* p. 121, l. 19-20);
 - (c) com verbos de **possibilidade** (cf. *poder* [subs.], *vagar* [subs.] e *poder* [verb.]): logo todos os cavalleiros ouverom poder de fallar (*Dem.* p. 11, l. 4); rezom hei de me aqueixar de vos (*Dem.* p. 76, l. 20-1); se eu ouvesse vagar de vos fallar (*Dem.* p. 108, l. 16-7);
 - (d) com verbos de **necessidade** (cf. *mester* e *necessidade*): que nom ouve i tal que nom ouvesse mester de folgar (*Dem.* p. 45, l. 13-3);
 - (e) com verbos **causativos** (cf. *conselho* e *aconselhar*): Aquella ora filharom conselho de se partirem demanhã (*Dem.* p. 30, l. 32-3);
 - (f) com verbos **opinativos** (cf. *duldança* e *duvidar*): nom ajades duldança de me eu partir ja mais do serviço de Jesu Christo (*Dem.* p. 132, l. 11-2);
 - (g) com verbos de **afeto** (cf. *sabor* e *gostar*): ouverom sabor de saber (*Dem.* p. 63, l. 10).

FLP22(1)

Assim também, liga-se a substantivos quaisquer, indicando, então, as noções de finalidade: “ca eu cuidõ que nunca este homem foi rei, senam de dormir” (*Dem.* p. 44, l. 10-1); e de possibilidade: “ca pois é cousa d’encobrir” (*Dem.* p. 71, l. 25); “nom has tu rem d’adubar” (*Dem.* p. 140, l. 38-9).

De tal modo está fixado o uso preposicional do infinitivo adnominal na *Demanda do Santo Graal*, que a ausência de preposição serve para distinguir a espécie adnominal de outra espécie infinitiva. Assim, no passo seguinte: “que tam maos lhe eram de tornar a si, quam mao seria a ãu homem mollentar ãa pedra mui grande” (*Dem.* p. 40, l. 21-3), o infinitivo preposicional “de tornar” é adnominal, isto é, prende-se ao adjetivo “maos”, mas o infinitivo simples “mollentar”, justamente por ser simples, é sujeito da locução verbal “mao seria”⁴.

O português moderno emprega o infinitivo adnominal à maneira do arcaico, isto é, ligando-o por meio de preposição a adjetivos (Said Ali, 1966, p. 341-2): “Isto

⁴ Pela mesma razão, ao passo que o infinitivo latino se liga à locução *tempus est*, e não ao substantivo *tempus*, de modo que seja subjetivo (Bassols de Climent, 1987, v. I, p. 359; Ernout; Thomas, 1953, p. 269), o infinitivo português liga-se, não às locuções *é tempo*, *é ora*, mas aos substantivos *tempo*, *ora*, de modo que seja adnominal. Assim, na *Demanda do Santo Graal*, deve-se analisar o infinitivo preposicional que ocorre ao lado daquelas locuções: “ja tempo é de comer” (*Dem.* p. 5, l. 23); à luz do infinitivo preposicional que ocorre ao lado dos simples substantivos: “ora de comer” (*Dem.* p. 1, l. 18); “pois que filho de rei chega a tempo de receber ordem de cavallaria” (*Dem.* p. 42, l. 28-9). Pois, à luz destas construções, parece evidente que na primeira: “tempo é de comer”, o infinitivo se prende ao substantivo *tempo*, e não à locução *tempo é*.

procedia de ser elle mau de contentar” (J. Barros, *Décadas da Ásia*, I 6, 6); e a substantivos (Bechara, 1992, p. 237): “Os imprudentes e estouvados ofendem a muita gente, sem a intenção nem propósito de ofender a pessoa alguma” (A. Herculano, *Fragmentos*, 69).

Por fim, note-se que o infinitivo português, quando ligado a adjetivo, tem não raro forma ativa e sentido passivo, seja no período arcaico (Dias, 1954, p. 228): “Disse cousas dignas de notar” (H. Pinto, *Diálogos*, II 59), seja no moderno (Said Ali, 1966, p. 342; cf. p. 237-9): “Mas he muyto digno de reparar que [...] hia no mesmo navio” (A. Vieira, *Sermões*, VIII 386). Nisso, distingue-se o uso português do latino, visto que este emprega, em tal construção, a forma passiva do infinitivo (cf. Gell. XVII 9, 14: *integramque et incorruptam epistulam et facilem legi praestabant* ‘e [as cartas] faziam prova de uma remessa íntegra, incorrupta, fácil de ler’), reservando a forma ativa para exprimir propriamente sentido ativo (Riemann, 1942, p. 502, n. 1).

4 INFINITIVO PREPOSICIONAL

No período clássico da língua latina, o infinitivo preposicional é de uso bem raro. Na verdade, pode-se construir unicamente com a preposição *inter* regida por *interesse* (Riemann, 1942, p. 497; Ernout; Thomas, 1953, p. 256): *ut inter optime valere et gravissime aegrotare nihil prorsus dicerent interesse* (Cic. *Fin.* II 43) ‘de modo que dissessem que, entre estar perfeitamente bem e estar gravemente doente, não há absolutamente nenhuma diferença’. A par dessa construção, emprega-se ainda o infinitivo preposicional na linguagem técnica dos gramáticos, seja com a preposição *ab*, a fim de explicar uma etimologia, isto é, a fim de dar no infinitivo a palavra de que outra deriva: *pontufices [...] a posse et facere* (Varr. *LL* V 83) ‘*pontufices* ‘pontífices’ [...] [deriva] de *posse* ‘poder’ e *facere* ‘fazer’; seja com a preposição *pro*, a fim de explicar uma sinonímia, isto é, a fim de dar no infinitivo a palavra a que outra equivale: *ponit assidue [...] betizare pro languere* (Suet. *Oct.* 87, 2) ‘emprega assiduamente [...] *betizare* ‘esmorecer’ em lugar de *languere* ‘definhar’” (Riemann, 1942, p. 497, n. 2; Ernout; Thomas, 1953, p. 256).

Naquele período, na linguagem culta, a forma nominal do verbo que se empregava com preposição era, antes, o gerúndio. Na verdade, assim como o infinitivo acabou por ocupar o lugar do sujeito e o do objeto direto, os dois lugares em que, ao longo da história da língua latina, as formas casuais, isto é, o nominativo e o acusativo, não foram substituídas por torneios preposicionais, assim o gerúndio acabou por ocupar os demais lugares sintáticos (Ernout; Thomas, 1953, p. 255-6). Por isso, mesmo naquela linguagem técnica dos gramáticos, o gerúndio pode ser empregado em lugar do infinitivo: *quae uirtus ex prouidendo est appellata prudentia* (Cic. *Leg.* I 60) ‘a qual virtude foi chamada ‘prudência’ de acordo com ‘prever’, isto é, *ex prouidendo* em vez de *ex prouidere*.

O emprego do infinitivo preposicional continuou escasso no período pós-clássico da língua latina, e mesmo no período da baixa latinidade quase não é atestado (Maurer, 1959, 185-6):

(12)

- (a) *ad invicem dicentes quomodo potest hic nobis carnem suam dare ad manducare* (Jn 6, 53) ‘a dizerem entre si: ‘como pode esse dar-nos sua carne de comer?’;

- (b) *Non igitur vivere propter ipsum vivere amas, sed propter scire* (Aug. Solil. II 1)
 ‘Portanto, não por causa do próprio viver amas viver, mas por causa de saber’.

No português arcaico e no moderno, porém, o uso do infinitivo preposicional desenvolveu-se plenamente, estendendo-se às diversas construções adverbiais e também adnominais. Ao passo, porém, que em construções adnominais a preposição é sempre conectiva, em certas construções adverbiais, todavia, pode ser tanto conectiva como expletiva. A preposição é conectiva quando é regime do verbo a que se prende o infinitivo, sendo de fato necessária à conexão deste; é expletiva, porém, quando não é regime do verbo a que se liga o infinitivo, sendo em princípio desnecessária à conexão deste. Em outras palavras, a preposição conectiva de fato liga o infinitivo ao verbo, ao passo que a preposição expletiva apenas acompanha o infinitivo, que em princípio poderia ligar-se ao verbo por si. Conseqüentemente, lá o infinitivo é objeto indireto do verbo, e aqui, objeto direto preposicional, senão sujeito preposicional.

As duas espécies de infinitivo preposicional ocorrem, por exemplo, n’*Os Lusíadas* de Camões. Assim, à luz deste passo: “[...] quem sempre com pouco experto peito / Razões aprende [...]” (Cam. *Lus.* VII 86, 5-6), em que o substantivo *razões* se prende diretamente ao verbo *aprende* (como objeto direto deste), conclui-se que neste outro: “E porque os que ouírem daqui aprendão / A fazer feitos grandes de alta proua” (Cam. *Lus.* VI 42, 5-6), a preposição *a* não é regime do verbo *aprendão*, de modo que é expletiva, isto é, apenas acompanha o infinitivo *fazer*, que em princípio poderia prender-se diretamente ao verbo *aprendão* (como objeto direto deste). Assim também, deste passo: “[...] isso deseja” (Cam. *Lus.* V 93, 4), em que o pronome *isso* se liga diretamente ao verbo *deseja* (como objeto direto deste), vê-se que neste outro: “Deseja de compraruos pera genro” (Cam. *Lus.* I 16, 8), a preposição *de* não é regime do verbo *deseja*, de modo que é expletiva, isto é, apenas acompanha o infinitivo *comprar*, que em princípio poderia ligar-se diretamente ao verbo *deseja* (como objeto direto deste). Tanto é que, noutro passo, este mesmo verbo aceita o infinitivo simples, não preposicional: “Deseja ser [...]” (Cam. *Lus.* VI 51, 6).

Ao lado de outros verbos, porém, a preposição, como se disse, pode ser conectiva. Assim, tendo em vista este passo: “[...] em delicias, / [. . .] / Gastão as vidas [...]” (Cam. *Lus.* VII 8, 1-3), em que o substantivo *delicias* se constrói com o verbo *gastão* por intermédio da preposição *em* (como objeto indireto daquele), percebe-se que neste outro: “Gastar palauras em contar estremos” (Cam. *Lus.* VI 66, 1), a mesma preposição é regime do verbo “gastar”, de modo que é conectiva, isto é, efetivamente liga o infinitivo *contar* ao verbo *gastar* (como objeto indireto deste).

Assim também, nas construções adverbiais em que o infinitivo atua como adjunto adverbial, o uso da preposição é de rigor⁵. Assim, se se considera este passo: “Os tropheos de Melciades famosos / Temistocles despertam so de enueja” (Cam. *Lus.* V 93, 5-6), em que a preposição *de* é necessária para introduzir o substantivo *enueja* (como adjunto adverbial de causa), deduz-se que neste outro: “Arrepião se as carnes e o cabelo / A mi, e a todos, soo de ouuillo e vello” (Cam. *Lus.* V 40, 7-8), a mesma preposição é igualmente necessária para introduzir os infinitivos *ouuir* e *uer* (como adjunto adverbial de causa).

⁵ Exceção a essa regra é a construção adverbial em que o infinitivo funciona como adjunto adverbial de finalidade (Martinho, 2012, p. 193-4).

4.1 Infinitivo de preposição expletiva

É de notar, nesses exemplos d’*Os Lusíadas*, que duas são as preposições expletivas que acompanham os infinitivos objetivos, a saber: *a* (“aprendão a fazer”) e *de* (“deseja de comprar”). Isso seria o resultado do desenvolvimento histórico do infinitivo latino. Pois este na origem era um nome de ação, declinado no dativo ou ablativo, de valor final (Martinho, 2012, p. 189-91), e tardiamente passou a receber a preposição *ad*: *ipsum elegit [...] ad offerre sacrificium deo* (Sirach. 45, 20) ‘escolhe a ele próprio [...] para oferecer sacrifício a Deus’ (Ernout; Thomas, 1953, p. 270), não por acaso, senão porque tal preposição tem valor semelhante ao valor original da forma infinitiva, isto é, valor final. Daí, pode-se dizer que a preposição *ad* que passou a acompanhar o infinitivo final era, do ponto de vista semântico, um desdobramento do valor daquele, passando a compor, do ponto de vista morfológico, uma única palavra com o infinitivo⁶.

No português arcaico, esse processo intensificou-se e expandiu-se. Em primeiro lugar, expandiu-se quando, além da preposição *a*, o infinitivo final passou a receber a preposição *de*, que serve igualmente de exprimir valor final (Dias, 1954, p. 229; Bechara, 1992, p. 239). Daí, o processo expandiu-se ainda mais, quando o infinitivo preposicional, originalmente um infinitivo final, passou a desempenhar as funções de objeto direto, como nos exemplos supracitados d’*Os Lusíadas*, e também de sujeito (cf. supra 2 *Infinitivo subjetivo*), como nestes exemplos de outros autores (Bassols de Climent, 1987, v. I, p. 350, n. 7; Dias, 1954, p. 219; Said Ali, 1966, p. 340-1):

(13)

- (a) A elles convinha de saber (D. João I, *Livro da montaria*, 47);
- (b) Não era cousa convinhavil de tu morreres agora (*Lenda de Barlaão e Josafate*, 45);
- (c) Seria bom de hirem a Mancor (G. Eanes de Zurara, *Crônica do Conde D. Pedro de Meneses*, 408);
- (d) Nom era bem de o assi cercarem (D. João I, *Livro da montaria*, 192).

Assim, uma vez que, como se disse, a preposição não é regime do verbo, mas desdobramento semântico e, daí, constituinte morfológico da forma infinitiva, esses e outros exemplos ilustram a construção peculiar do objeto direto preposicional e a construção rara do sujeito preposicional em português.

Enfim, esse processo intensificou-se quando o uso das preposições expletivas *a* e *de*, que a princípio era facultativo, tendeu a fixar-se em algumas construções, por exemplo, com o verbo de doação *dar*: “dar a/de comer”, mais que: “dar comer” (Dias, 1954, p. 227-8). De fato, na *Demanda do Santo Graal*, a preposição expletiva é facultativa ao lado do infinitivo final construído com verbo de movimento (como adjunto adverbial de finalidade deste); assim, está presente nestes passos:

(14)

- (a) E os cavalleiros [...] foram a elle para veerem o que era (*Dem.* p. 6, l. 11-2);

⁶ Recorde-se, aliás, que é essa a origem da forma do infinitivo inglês, cujo componente morfológico *to* teria sido, originalmente, preposição de valor igual ao da preposição latina *ad* (Bassols de Climent, 1987, v. I, p. 347, n. 1).

- (b) u cavalleiros de todo o mundo veem aa corte, e mui mais ainda por vos veerem ca por al (*Dem.* p. 1, l. 22-3);
- (c) me enviou acá [...] por filhar de vos vingança (*Dem.* p. 32, l. 12-3);

mas está ausente destes outros:

- (15)
 - (a) E el rei fora entam, ouvir missa aa see com gram conpanha de cavalleiros (*Dem.* p. 5, l. 7-8);
 - (b) ca ves aqui Persival, o bem aventurado e gl[or]ioso que te vem aqui buscar ora e veer (*Dem.* p. 129, l. 17-8);
 - (c) envia-te dizer o irmitam que este dia doje te vinrá a maior maravilha (*Dem.* p. 13, l. 25).

Assim também, a preposição expletiva é facultativa ao lado do infinitivo final construído com o verbo transitivo direto *dever* (como objeto direto deste); assim, está presente nestes passos: “vo-lo deviades de fazer” (*Dem.* p. 2, l. 22-3); “muito deviamos a seer ledos” (*Dem.* p. 16, l. 29); mas está ausente deste: “tu te devias ora mais guardar” (*Dem.* p. 28, l. 17). No entanto, a preposição expletiva é obrigatória ao lado do infinitivo final construído com verbo de doação, seja este empregado intransitivamente: “antes que lhes dessem de comer” (*Dem.* p. 9, l. 34); seja empregado transitivamente: “e deu a Estor o escudo a levar” (*Dem.* p. 102, l. 19); “nos deu a comer do seu santo celleiro” (*Dem.* p. 16, l. 31).

No português moderno, a atribuição das preposições *a* e *de* ao infinitivo objetivo e subjetivo tende a ser mais rara que no português arcaico. Isso, talvez porque os escritores modernos analisem aquelas de um ponto de vista estritamente sintático, de modo que, porque elas não têm préstimo sintático, os escritores modernos preferiram suprimi-las (Said Ali, 1966, p. 340). Assim, em tais escritores, é algo raro o uso de ambos os infinitivos preposicionais (Bechara, 1992, p. 237), seja objetivos: “E prometeu de voltar hoje às três horas” (C. Castelo Branco, *A queda dum anjo*, 118), seja subjetivos: “Custou-lhe muito a aceitar a casa” (J. M. Machado de Assis, *Brás Cubas*, 94). Na verdade, embora tal uso da preposição expletiva tenha sido responsável pela oscilação de mais de uma construção de infinitivo no português arcaico (Said Ali, 1966, p. 139-40; Dias, 1954, p. 219-22; Pereira, 1919, p. 488-91, 496-7), o critério proeminentemente sintático das construções do infinitivo tendeu a fixar ora o emprego da preposição conectiva ora o abandono da preposição expletiva no português moderno. De fato, no português moderno, o caso dos verbos *dever*, *aprender* construídos com infinitivo objetivo preposicional, tal como ilustrado acima com o exemplo d’*Os Lusíadas*, é excepcional (Said Ali, 1966, p. 340).

4.2 Infinitivo de preposição conectiva

O infinitivo de preposição conectiva é escasso, como se disse, em latim. O uso do infinitivo introduzido por *inter* (em: *interesse* + *inter* + inf.) ou *pro* (em: *pro* + inf., no jargão dos gramáticos) é, como se disse também, excepcional. Esse mesmo infinitivo, porém, desenvolveu-se plenamente em português, o que, aliás, é sinal de que o caráter originalmente substantivo do infinitivo latino se acentuou em nossa língua (Pereira, 1919, p. 495). De fato, o número de preposições conectivas que se

constroem com o infinitivo já é alto no português arcaico (Maurer, 1959, p. 186), e ainda mais, no moderno (Bechara, 1992, p. 239-41).

Graças à preposição conectiva, o infinitivo pôde exprimir, seja no português arcaico seja no moderno, os mais diversos valores nocionais na função de adjunto adverbial (Dias, 1954, p. 232-3; Bechara, 1992, p. 239-41):

(16)

- (a) **causa** (*com, em, por, visto, a força de, em virtude de, em vista de, por causa de*): Porém, deixando o coração cativo, com fazer-te a meus rogos sempre humano (J. S. R. Durão, *Caramuru* 6);
- (b) **concessão** (*com, sem, malgrado, apesar de, não obstante, sem embargo de*): Este era funestamente o sistema colonial adotado pelas nações que copiava sem o entender (L. Coelho, apud *Antologia nacional*, 215);
- (c) **condição** (*a, sem*): Um to houveramos de encher, a queremos ajudar e exemplificar todas as variedades de composição métrica dos nossos dias (A. Feliciano de Castilho, *Tratado de metrificação portuguesa*, 146);
- (d) **finalidade** (*a, de, para, por, em, a fim de*): Dois meios havia em seguir esta empresa (A. Herculano, *Fragmentos*, 69);
- (e) **lugar** (*em*): Filha, no muito possuir não é que anda posta a felicidade, mas sim no esperar e amar muito (A. Feliciano de Castilho, *Palavras de um crente*, 114);
- (f) **meio** (*de, com*): Eu não sou, minha Nice, pegureiro, que viva de guardar alheio gado (T. A. Gonzaga, *Poesias* 1, 15);
- (g) **modo** (*sem, a*): Ele esteve alguns instantes de pé a olhar para mim (J. M. Machado de Assis, *Brás Cubas*, 86);
- (h) **tempo** (anterioridade: *antes de*; posterioridade: *depois de, após*; concomitância: *a*; iminência: *perto de, prestes a*; duração: *até*): Ao ouvir esta última palavra recuei um pouco, tomado de susto (J. M. Machado de Assis, *Brás Cubas*, 21).

Mais de um desses torneios ocorrem, por exemplo, na *Demanda do Santo Graak*:

(17)

- (a) **causa** (*de, por*): ca todo homem deve aver gram pesar da morte de homem bõo [...] e [mais por] seer companheiro da Tavola Redonda (*Dem.* p. 47, l. 20-2);
- (b) **concessão** (*sem*): andou todo aquel dia sem aventura achar (*Dem.* p. 62, l. 28-9);
- (c) **condição** (*sem, a menos de*): E pois que vio que se nom podia del partir sem lidar (*Dem.* p. 58, l. 3-4); Esto nom farei eu [...] a menos de saber della se lhe apraz (*Dem.* p. 114, l. 38-9);
- (d) **finalidade** (*por, para*): mais nom no ousava mostrar por seer mais triste (*Dem.* p. 6, l. 23); E Lionel ficou por fazer soterrar aquelles que matara (*Dem.* p. 125, l. 13-4); E ergeo-se contra elle, mas nom para salua-lo mas para fazer-lhe mal e pesar (*Dem.* p. 120, l. 21-2);
- (e) **tempo** (*a, em*): e em caer quebrou-lhe a lança (*Dem.* p. 65, l. 21-2); E anbos caerom em terra, e ao caer quebrarom as lanças (*Dem.* p. 102, l. 2-3).

Quanto à noção de finalidade, embora possa ser expressa por ambos os infinitivos, distinguem-se essencialmente as construções do infinitivo de preposição expletiva e do infinitivo de preposição conectiva. Aquele, como se disse, prende-se a verbo de movimento ou de doação, sendo a preposição expletiva facultativa com verbo de movimento, e obrigatória com verbo de doação. O infinitivo de preposição conectiva, por sua vez, como se vê dos exemplos supracitados da *Demanda do Santo Graal*, exprime a noção de finalidade ligado seja a verbo de repouso: “E Lionel ficou por fazer soterrar aqueles que matara” (*Dem.* p. 125, l. 13-4), seja a verbo estranho à ideia de finalidade: “mais nom no ousava mostrar por seer mais triste” (*Dem.* p. 6, l. 23). Aqui e ali, porém, o uso da preposição é de rigor, já que não há como o infinitivo prender-se ao verbo sem o intermédio dela.

De resto, note-se que, ao passo que em latim é o gerúndio que se emprega em construção preposicional, em português, todavia, é o infinitivo, senão pelo torneio de *em* + gerúndio (Said Ali, 164, p. 181). Assim, de tal modo o infinitivo português suplantou o gerúndio latino nesse uso, que é a única forma verbal portuguesa capaz de se construir com preposição (Said Ali, 1964, p. 173-4).

5 INFINITIVO SUBSTANTIVADO

Como se disse, o infinitivo latino foi, na origem, uma forma nominal, ou melhor, um nome de ação declinado no dativo ou ablativo que operava como adjunto adverbial de finalidade ao lado de verbo de movimento e de doação (Martinho, 2012, p. 189-91); em seguida, ao fossilizar-se sua desinência, passou a considerar-se um nome indeclinável e, daí, um nome neutro do caso reto, sendo empregado como objeto direto ao lado de verbos volitivos, acurativos, de possibilidade, de necessidade (Martinho, 2012, p. 196-7) e, daí, como sujeito ao lado de certos verbos e locuções verbais impessoais (cf. supra 2 *Infinitivo subjetivo*). No entanto, a despeito de tal evolução do uso do infinitivo latino, o valor original deste nunca foi obliterado, de modo que, mesmo após ter sido incorporado ao sistema verbal da língua, o infinitivo latino pôde ser empregado com o valor de nome de ação na posição de objeto direto ou sujeito. Trata-se do chamado infinitivo substantivado, que foi empregado em todos os períodos da história da língua latina (Ernout; Thomas, 1953, p. 255-6).

Antes de tudo, um sinal de que o infinitivo está substantivado é o desempenhar a função de objeto direto ou sujeito de verbo que, em regra, não se constrói com infinitivo em tais posições, mas com substantivo. Assim, se neste passo: *Nam si vis vivere, quid optas mori?* (Sen. *Ep.* 117, 22) ‘Pois, se queres viver, por que escolhes morrer?’, os infinitivos *uiuere* e *mori* podem dizer-se objetivos, já que se prendem respectivamente ao verbo de possibilidade *uis* e ao volitivo *optas*, que em regra se constroem com infinitivo objetivo. Neste outro, todavia: *beate autem vivere alii in alio, vos in voluptate ponitis* (Cic. *Fin.* II 86) ‘viver de modo bem-aventurado, por sua vez, cada um põe numa coisa; vós, no prazer’, o infinitivo *uiuere* deve considerar-se substantivado, de vez que se prende ao verbo *ponitis*, que em regra não se constrói com infinitivo na posição de objeto direto, mas com substantivo.

Mais que isso, um sinal de que o infinitivo está substantivado é o estar acompanhado de adjetivo (*solum, totum*) ou pronome adjetivo (*meum, tuum, hoc, illud*)

na posição de adjunto adnominal, o que é próprio da construção do substantivo (Riemann, 1942, p. 487-8; Meillet; Vendryes, 1979, p. 626):

(18)

- (a) *ita tuom conferto amare semper* (Pl. *Curc.* 28) ‘assim, teu amar hás de esconder sempre’;
- (b) *id primum videamus, beate vivere vestrum quale sit* (Cic. *Fin.* II 86) ‘vejamos em primeiro lugar o seguinte: de que natureza é vosso viver de modo bem-aventurado’;
- (c) *olim nescio [...] quid denique illud iners quidem, iucundum tamen nihil agere nihil esse* (Plin. *Ep.* VIII 9, 1) ‘desde muito não sei [...] o que, enfim, [é] aquele indolente, decerto, jocososo, todavia, nada empreender, nada ser’;
- (d) *meum enim intellegere nulla pecunia vendo* (Petr. 52, 3) ‘pois não vendo por dinheiro nenhum meu entender’.

Do mesmo modo, vê-se que o infinitivo está substantivado quando está acompanhado de substantivo ou pronome substantivo declinado no genitivo na posição de adjunto adnominal, o que é igualmente próprio da construção do substantivo (Riemann, 1942, p. 497, n. 1): *Quid autem huius vivere est diu mori?* (Sen. *Ep.* 101, 13) ‘Por que, porém, o viver desse é morrer por muito tempo?’; *cuius non dimicare uincere fuit* (Val.-Max. VII 3, 7) ‘de que o não combater foi vencer’.

Tais construções substantivas do infinitivo podem corresponder a construções verbais, na medida em que o adjunto adnominal daquelas pode corresponder ao sujeito ou adjunto adverbial destas. Assim, este torneio: *tuom amare* (Pl. *Curc.* 28), pode corresponder a este outro: **te amare*, bem como este: *cuius non dimicare*, a: **eum non dimicare*, de modo que, em vez de um infinitivo acompanhado de adjunto adnominal (*tuom, cuius*), se tenha um infinitivo acompanhado de sujeito (**te, *eum*). Assim também, este torneio: *iucundum nihil agere* (Plin. *Ep.* VIII 9, 1), pode corresponder a este outro: **iucunde nihil agere*, de modo que, em vez de um infinitivo acompanhado de adjunto adnominal (*iucundum*), se tenha um infinitivo acompanhado de adjunto adverbial (**iucunde*).

O uso do infinitivo substantivado, porém, é restrito em latim (Ernout; Thomas, 1953, p. 256), porque àquele o latim prefere o uso do gerúndio ou do supino (Meillet; Vendryes, 1979, p. 626), e é mais comum no latim coloquial que no culto (Maurer, 1959, p. 183; Grandgent, 1907, p. 51). Por outro lado, o infinitivo substantivado é usado no português arcaico, o que, aliás, revela a origem e o caráter popular deste (Maurer, 1959, p. 183-4), e do português arcaico passou ao moderno, de modo que, alfim e ao cabo, o infinitivo substantivado foi praticado continuamente ao longo da história do português (Dias, 1954, p. 217; Pereira, 1919, p. 495). Assim, no português arcaico: “O veer e o tocar mostram ao entender as cousas que som corpos, e o ouvir e cheirar mostram ao entender as cousas que nom som corpos” (D. João I, *Livro da montaria*, I 1, 1); assim também, no português moderno:

(19)

- (a) Vedes vos todo aquelle bolir, vedes todo aquelle andar, vedes aquelle concorrer as praças e cruzar as ruas; vedes aquelle subir e descer as calçadas, vedes aquelle entrar e sahir sem quietação sem socego? (A. Vieira, *Sermões*, 44);
- (b) Mais submisso ainda será o nosso obedecer (A. Herculano, *Eurico o Presbítero*, 183).

Como se vê dos exemplos citados, em português, assim como em latim, um sinal de que o infinitivo está substantivado é o estar determinado de adjetivo ou pronome adjetivo na posição de adjunto adnominal: “todo aquelle bolir ... todo aquelle andar ... etc.”; em português, em particular, pode ademais estar determinado por artigo: “o veer e o tocar ... o ouvir e cheirar”.

Demais, em português, assim como em latim, ao substantivar-se o infinitivo, pode-se alterar a construção deste, de modo que o sujeito ou o objeto direto do infinitivo se transformem, respectivamente, em adjunto adnominal ou complemento nominal. Assim, em lugar de: “o pôr-se o sol”, tem-se: “o pôr-do-sol”; ou ainda, em vez de: “o relatar os fatos”, diz-se: “o relatar dos fatos” (Pereira, 1919, p. 495). Do mesmo modo, este torneio: “Que mudança traz o rodear dos annos” (Fr. L. Sousa, *Vida do Arcebispo de Braga*, 223), pode corresponder a este outro: “o rodear(em) os anos”, de modo que o que lá é adjunto adnominal (“dos anos”), aqui se transforme em sujeito (“os anos”). Ou ainda, este torneio: “Ouve-se o rir alegre, o altercar, tinir argentino das taças” (A. Herculano, *Eurico o Presbítero*, 194), pode corresponder a: “o rir alegremente ... o tinir argentinamente”, de modo que o adjunto adnominal do primeiro (“argentino”) se transforme no adjunto adverbial do segundo (“argentinamente”).

Por fim, alguns infinitivos, pela frequência com que, no português arcaico, se empregaram substantivamente, hoje são empregados como substantivos puros, por exemplo: *poder, dever, saber, prazer*. Tanto é que chegam a receber a desinência nominal ‘-[e]s’ para flexionar-se no plural como um substantivo qualquer, assim: *deveres, prazeres*. Alguns infinitivos substantivaram-se na forma plural, seja isoladamente: *haveres*, seja em expressões: “ter dares e tomares com alguém” (Pereira, 1919, p. 495; Dias, 1954, p. 217; Maurer, 1959, p. 184; cf. Bassols de Climent, 1987, v. I, p. 361, n. 39).

Assim, muitos dos infinitivos substantivados que ocorrem na *Demanda do Santo Graal* perderam, ao longo do processo histórico, sua força verbal, empregando-se posteriormente como substantivos puros; são eles: *poder, pesar, prazer, cuidar*.

(20)

- (a) que nenhũ a meu cuidar nom podia seer covardo nem mao (*Dem.* p. 2, l. 28);
- (b) por mostrar seu gram poder (*Dem.* p. 3, l. 23-4);
- (c) so muito aviam gram pesar todos do cavalleiro (*Dem.* p. 6, l. 21-2);
- (d) el rei fez seu prazer (*Dem.* p. 8, l. 6-7);
- (e) e nom de teu prazer, mas de teu pesar (*Dem.* p. 13, l. 17-8).

Outros, porém, não levaram a cabo tal transformação; são eles: *pensar, comer, ir, catar, dormir, semelhar*.

(21)

- (a) que nenhũ o nom podia acordar de seu pensar (*Dem.* p. 6, l. 8);
- (b) E o homem bõ andava colhendo ortigas [...] para seu comer (*Dem.* p. 103, l. 20-1);
- (c) u nom morava homem nem molher a seu semelhar (*Dem.* p. 95, l. 25);
- (d) e ia-se a tam gram ir como se corisco fosse apos ella (*Dem.* p. 132, l. 26-7);
- (e) foi-se logo pello lugar que confonderades sol por vosso catar (*Dem.* p. 107, l. 18-9);
- (f) muito ouvestes grande afam em vosso dormir (*Dem.* p. 141, l. 29-30).

N'Os *Lusíadas* de Camões, alguns infinitivos substantivados já se empregam como substantivos puros; é o caso de *poder*, *parecer*, *prazer*, *saber*. “Cum poder tam singelo e tam pequeno (Cam. *Lus.* I 25, 2); [...] que destinado / Está doutro poder [...]” (Cam. *Lus.* VI 7, 3-4); “Mas pois saber humano, nem prudencia” (Cam. *Lus.* II 31, 5). Por isso, tais infinitivos chegam a receber a desinência nominal ‘-[e]s’ para flexionar-se no plural: “Mostra a Fortuna injusta seus poderes” (Cam. *Lus.* VI 15, 4); “Diuersos pareceres e contrarios” (Cam. *Lus.* VIII 52, 1); “Que Venus com prazeres inflamaua” (Cam. *Lus.* IX 83, 6).

6 CONCLUSÃO

Tendo noutro artigo (Martinho, 2012) exposto a sintaxe histórica do infinitivo final e do infinitivo objetivo do português à luz da sintaxe histórica do infinitivo latino, concluo neste a exposição da sintaxe histórica das demais espécies do infinitivo dito simples. Ora, o estudo comparativo da história das construções deste permite ver quanto o desenvolvimento sintático do infinitivo preposicional colaborou para o das outras espécies de infinitivo simples. Pois, se o infinitivo preposicional é excepcional na língua latina, restringindo-se a raros torneios sintáticos ao longo da história desta, no português proto-histórico, contudo, o desenvolvimento daquele teria ensejado uma diversidade de construções infinitivas que no português arcaico são amplamente atestadas. Assim, embora as construções do infinitivo final, subjetivo e objetivo tenham passado do latim ao português, uma diferença notável, todavia, é que em português aqueles infinitivos admitem preposição. Assim também, ao passo que em latim o infinitivo adnominal foi mais raro, tendo-se desenvolvido por meio de processos analógicos que lhe permitiram construir-se com alguns adjetivos verbais (isto é, com os participios) e, daí, com alguns nominais (isto é, com os adjetivos propriamente ditos), em português, todavia, aquele infinitivo é amplamente empregado graças à construção preposicional que lhe permite prender-se a adjetivos e também a substantivos vários. Concluído, pois, esse estudo, reservo para outro a exposição do infinitivo oracional.

REFERÊNCIAS

- A demanda do Santo Graal. Edição de Joseph-Maria Piel. Concluída por Irene Freire Nunes. Introdução de Ivo de Castro. Lisboa: Imprensa Nacional / Casa da Moeda; 1988.
- Bassols de Climent M. *Sintaxis latina*. 8.^a imp. Madrid: C.S.I.C.; 1987. 2 v.
- Bechara E. *Moderna gramática portuguesa*. 34.^a ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional; 1992.
- Blatt F. *Précis de syntaxe latine*. Tradução francesa de H. Barbier e K. Olsen. Lyon: IAC; 1952.
- Camões LV. *Os Lusíadas*. Reprodução paralela das duas edições de 1572 [fac-símile]. Comissão da Academia das Ciências de Lisboa para a edição crítica d'Os Lusíadas. Lisboa: Imprensa Nacional / Casa da Moeda; 1982.
- Dias ES. *Syntaxe histórica portuguesa*. 3.^a ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora A. M. Teixeira & Cia (Filhos); 1954.
- Ernout A, Thomas F. *Syntaxe latine*. 2.^a ed. Paris: Librairie Klincksieck; 1953.

- Grandgent CH. An introduction to vulgar latin. Boston: D. C. Heath & Co., Publishers; 1907.
- Martinho M. Lições sobre a sintaxe histórica do infinitivo português. Caligrama: Revista de Estudos Românicos. 2012;17(2):187-208.
- Maurer TH. Gramática do latim vulgar. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica; 1959.
- Meillet A, Vendryes J. Traité de grammaire comparée des langues classiques. 5.^a ed. Paris: Honoré Champion; 1979.
- Pereira EC. Grammatica historica. 2.^a ed. São Paulo: Secção de Obras d'O Estado de S. Paulo; 1919.
- Riemann O. Syntaxe latine. 7.^a ed. revista por A. Ernout. Paris: Librairie Klincksieck; 1942.
- Said Ali M. Gramática secundária da língua portuguesa. Edição revista e comentada ... pelo Prof. Evanildo Bechara. São Paulo: Edições Melhoramentos; 1964.
- Said Ali M. Gramática histórica da língua portuguesa. 6.^a ed. São Paulo: Edições Melhoramentos; 1966.
- Väänänen V. Introducción al latín vulgar. 2.^a imp. Tradução de S. Pacheco. Madrid: Editorial Gredos, S. A.; 1975.

FLP22(1)